



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Ana Carla Santos da Rocha
Priscila dos Santos Lima Costa

**ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO
ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MACEIÓ
2019

Ana Carla Santos da Rocha
Priscila dos Santos Lima Costa

**ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO
ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo científico apresentado ao colegiado do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção de nota do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi

MACEIÓ
2019

**ANA CARLA SANTOS DA ROCHA
PRISCILA DOS SANTOS LIMA COSTA**

**ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS
NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 21/10/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi

Comissão Examinadora



Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi (CEDU/UFAL)



Profa. Msc. Pâmela Tamires Bezerra Ferreira da Silva (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (IGDEMA/UFAL)

ANÁLISE ESPACIAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Priscila dos Santos Lima Costa
priscilinhadossantoslima@gmail.com

Ana Carla Santos da Rocha
ana.carla@hotmail.com

Mariana Guedes Raggi
marianagrafia@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem o propósito de relatar as experiências desenvolvidas e tecer algumas reflexões construídas no processo de desenvolvimento do Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. As experiências desenvolvidas envolveram situações diferenciadas de aprendizagem e formação, tendo como campo de estágio um CMEI¹, que por questões éticas não terá o nome divulgado. As atividades tiveram como ponto de partida as observações feitas durante o período de caracterização. O espaço observado foi o Maternal 1 B, conhecido como Bicho de Terra². O Estágio foi realizado em dez sessões e teve como objetivo envolver as crianças a partir da explicação e esclarecimento do que seria feito, de forma adequada para a respectiva faixa etária. A proposta de intervenção para o projeto realizado foi a produção de um jardim a partir da constatação do interesse das crianças na área verde localizada atrás da sala de aula. Fazendo uma releitura de todo o processo desenvolvido com as crianças, surgiu o interesse em compreender os motivos que as levavam a se envolverem com esses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Análise espacial. Lugar de pertencimento. Natureza produzida.

INTRODUÇÃO

Este projeto tem por finalidade refletir acerca da contribuição do estágio na formação acadêmica, assim como no processo de aplicação do projeto *O jardim e seus bichinhos*, realizado durante o estágio. Diante disso será feita uma análise espacial a partir das

¹ Centro Municipal de Educação Infantil.

² Nesta instituição, as salas de aulas são chamadas de espaços e cada espaço recebe um nome no início do ano, esse nome é escolhido de acordo com a demanda das crianças. O maternal 1B é chamado de Bichos da terra.

experiências vivenciadas e apresentação dos resultados do estágio supervisionado na Educação infantil da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, que ocorreu em um CMEI, no primeiro semestre do ano de 2018 (dois mil e dezoito), assim como propor reflexões teóricas metodológicas reveladas a partir dessa experiência.

Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a produção do jardim (na área disponível localizada atrás da sala), assim como as observações e análises das interações vivenciadas pelas crianças nesse espaço.

O arcabouço teórico deste trabalho tem fundamentação nas obras: Estágio e docência: diferentes concepções, das autoras Pimenta e Lima (2005,2006); Diferentes concepções de natureza, da autora Ione Modanese (2015); A natureza do espaço do autor Milton Santos (2006); A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar de Milton Santos (2005); Educação ambiental crítica: do socio ambientalismo às sociedades sustentáveis, do autor Gustavo Ferreira Lima (2009); Educação e Meio Ambiente – um diálogo em ação dos autores Jacobi e Luzzi (2004).

O presente artigo busca refletir, por todos os motivos expostos, sobre as questões metodológicas de como se trabalhar com as crianças nas áreas verdes, e qual sua relevância no processo de construção de uma educação cidadã e crítica.

Considerando o estágio parte importante do nosso processo de formação, a possibilidade de vivenciar esta experiência promoveu a interação entre a teoria apropriada na universidade e a prática docente presente no cotidiano da educação infantil. O artigo prossegue e se alonga na tentativa de se pensar uma proposta pedagógica problematizando questões relacionadas às atividades ambientais presentes nos espaços escolares.

Para alcançar os objetivos propostos, apresentamos o artigo da seguinte maneira: num primeiro momento fizemos uma releitura de tudo que foi vivenciado no estágio, buscando suportes teóricos para compreender os questionamentos que surgiram após o término do estágio. No segundo momento debatemos sobre o conceito de natureza. No terceiro momento levantamos alguns questionamentos sobre as possibilidades de se trabalhar a educação ambiental e como surgiu esse conceito. Por fim, apresentamos uma proposta metodológica e uma sequência didática que buscam ajudar aos professores na implementação da educação ambiental, fazendo uso dos espaços disponíveis nas escolas.

1. REVISITANDO A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O Estágio Supervisionado tem grande importância para a formação acadêmica, pois por meio dele podemos vivenciar ricas experiências que possibilitam a elaboração de trabalhos como este, assim como, importantes contribuições acerca da educação infantil.

No estágio o futuro professor irá refletir *in loco* sobre tudo que foi estudado em sala de aula. As autoras Pimenta e Lima (2005/2006) sintetizam que o estágio é uma pesquisa que une teoria e prática, sendo assim o estágio é uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos alunos e da sociedade, é momento prático dos cursos de formação profissional.

Nessa perspectiva, Pimenta e Lima (2005/2006) remetem ao campo do estágio, destacando os estudantes que ficam apenas focados em cumprir as técnicas, ignorando a importância da observação. O momento da prática do estágio supervisionado é caracterizado pela vivência no campo do ensino, tendo a oportunidade de desenvolver atividades com base nas carências dos alunos, oferecendo assim uma aprendizagem significativa.

A escola como campo de estágio, revela as primeiras impressões da relação entre a prática e a teoria, mostrando que a teoria muitas vezes não funciona na prática, criando uma falsa visão que não existem ligações entre uma e outra. Esse descompasso é citado por estudantes em licenciatura que mencionam o distanciamento entre teoria e prática.

Esse pensamento, por mais que seja ignorado por muitos profissionais da educação, prejudica o desempenho profissional do sujeito, o qual necessita identificar as necessidades da turma, bem como aprimorar seus conhecimentos ao adquirir novas técnicas para desenvolver suas ações.

Ao chegarmos à escola, todos nos receberam muito bem, desde a diretoria, pessoal do suporte pedagógico e os educadores. Isso contribuiu bastante para facilitar nossa estadia na instituição. Eles acreditam e entendem a importância que o estágio ocupa na formação do professor. A vivência profissional no estágio supervisionado fundamentou nossa formação, pois, foi a partir dele, que passamos a conhecer a atuação do profissional da educação na prática.

A chegada dos estagiários na instituição foi aguardada com muito entusiasmo, a fim de saber quais novidades seriam agregadas à instituição e quais seriam as possibilidades de

construir um trabalho coletivo visando melhorias para as crianças e crescimento para os profissionais envolvidos, chegando ao fim do período de estágio com rica aprendizagem. A apreensão por ingressar nesse campo profissional nos deixou receosos com a novidade que vinha e mais curiosos para tentar compreender como ocorre na prática o que foi ensinado na sala de aula.

Nesse sentido, o estágio atividade curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, este sim objeto da práxis. Ou seja, é no trabalho docente do contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA E LIMA, 2005/2006, p.14).

O ato de observar envolve dedicação e atenção e mesmo com as dificuldades encontradas sabemos que uma reflexão só pode ocorrer partindo de um olhar atento e uma escuta sensível aos movimentos presentes no espaço que se revela. “Observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, sem devolução e muito menos sem encontro marcado...” (Weffort, 1996 p. 2).

A experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil foi gratificante e de grande importância, de maneira que contribuiu para nossa formação, pois foi possível colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas.

O estágio nos proporcionou uma rica experiência e vivência da prática docente nesse campo de atuação dos discentes e futuros pedagogos, possibilitando aprendizagens teóricas e práticas para *o fazer* pedagógico, possibilitando aos estagiários uma ampla visão sobre o funcionamento de um CMEI, como o trabalho em equipe é construído e quais as premissas que regem a instituição.

Por meio do estágio foi possível fazer grandes observações que nos proporcionaram uma reflexão sobre o que foi vivido e como podemos trabalhar com tudo que foi aprendido, fazendo novas leituras, tornando a experiência de estágio mais rica. Esse trabalho vai muito além de descrever o processo de intervenção realizado no estágio.

O projeto de intervenção foi elaborado a partir das observações feitas durante o processo de caracterização na turma Maternal 1B, batizado com o nome de Bichos da Terra. Ao procurar saber o motivo desse nome, descobrimos o grande interesse que as crianças tinham pelas plantas e animaizinhos. A observação nos levou perceber o entusiasmo das crianças ao ter o livre acesso para brincar na areia próximo ao seu espaço de aprendizagem, exercendo autonomia na realização de seus desejos em explorar os recursos naturais que estavam ali presente. Partindo desse ponto em um breve diálogo com a educadora de

referência, constatamos que a mesma achava que seria proveitoso trabalhar com algo voltado para esse tema.

Diante disso foi pensado um projeto que trabalhasse com os elementos naturais em alguns espaços disponíveis na instituição. Com esses levantamentos e análises foi realizado o projeto de intervenção relacionado à autonomia das crianças, tendo como objetivo oferecer possibilidades de interagir com as plantas, terra e construção de um lugar, que passou a ter um significado afetivo no cotidiano das crianças.

A ideia da criação de um jardim surgiu como proposta para elaboração desse projeto, pois os jardins despertavam a atenção das crianças por ser um espaço que, além de bonito, tem vida, é cheio de plantas e povoado por minhocas, borboletas, formigas, pássaros entre outros.

Conhecendo um pouco de como as crianças vivem, e analisando todo o processo de aplicação do projeto, surgiram alguns questionamentos: por que as crianças se envolveram tanto com a produção de um jardim? Será o simples fato de quererem cuidar das plantas cultivadas pelo grupo?

A finalidade do presente artigo está, sem dúvida, na busca por práticas teóricas e metodológicas suficientes para superar uma leitura superficial sobre a presença dos elementos naturais na contemporaneidade e o que levou a sociedade modernizada a vivenciar um distanciamento com tais elementos.

Fazendo uma releitura de tudo que foi feito na instituição durante o estágio supervisionado, ficou claro que o projeto de intervenção tinha muito mais a acrescentar do que podíamos imaginar durante o tempo que permanecemos no espaço escolar. Por isso, buscamos em novas leituras, suportes teóricos que ajudassem a compreender o motivo de tanta admiração com a construção do jardim por parte das crianças.

2. A NATUREZA E OS ESPAÇOS VERDES EM DEBATE

Para compreender essa e outras indagações fez-se necessário estudar primeiro o conceito de natureza, modificada por diversos grupos sociais. Desde o primeiro momento, a ligação do homem com a natureza era, sem dúvida, uma relação de dependência, no qual o sujeito fazia uso dos recursos em seu entorno, para suprir suas necessidades.

A relação-homem natureza vem sendo objeto de estudos e reflexão em diferentes planos desde a Idade Média, adentrando a Idade Moderna, e prosseguindo nos tempos atuais. Os filósofos e estudiosos já assinalavam múltiplos conceitos e definições de natureza, que por sua vez, são muito diversificados, conforme o período histórico ou o contexto em que são tratados. (MODANESE, 2015, p. 1).

Pensando sobre o que seria natureza, surge a necessidade de se pensar a relação desse conceito com a sociedade em evolução. De acordo com Santos (2006), o espaço geográfico passou por três mudanças. Inicialmente o meio poderia ser caracterizado como natural, na sequência meio técnico e na contemporaneidade meio técnico científico informacional.

Na primeira fase, antes das grandes indústrias e dos avanços tecnológicos, capitalista, de acordo com Santos (2006), a relação do homem com a natureza era de maneira sustentável, ou seja, os recursos eram retirados do meio, utilizados pelo homem, para seu desenvolvimento, permitindo um processo de espera para a própria natureza repor o que lhe foi retirado.

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. (SANTOS, 2006, p. 157).

Quando a utilização das máquinas não era como hoje e não traziam tantos impactos, o homem aprimorava-se do meio ao seu redor utilizando apenas o que era preciso para suprir sua necessidade e de cada grupo social e cultural de maneira controlável, tendo o sujeito autonomia de impor limites nas ações, sendo o próprio responsável por cada ato diante do meio que vivia respeitando o tempo do processo para o reaproveitamento dos recursos naturais.

Mesmo havendo interferência do homem na dominação das terras e dos animais, a ligação homem-natureza não deixa de ser considerada como uma técnica, porém essa relação é uma técnica sem grandes avanços tecnológicos, sem interferência de máquinas, políticas ou bens lucrativos, sem agredir o meio, respeitando os limites.

[...] a sociedade local era, ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites de sua utilização. A harmonia socioespacial assim estabelecida era, desse modo, respeitosa da natureza herdada, no processo de criação de uma nova natureza. [...]. (SANTOS, 2006, p. 158).

Havia uma unidade entre o homem e a natureza, onde o ritmo de trabalho e da vida dos homens articulava-se ao ritmo da natureza, seu convívio com o meio natural era de proximidade e de respeito.

A revolução industrial caracterizou-se pelos avanços dos sistemas técnicos promovendo, com a chegada do capitalismo, o rompimento do vínculo homem-natureza como concebido anteriormente, pois a natureza, antes vista como um meio de sustento do homem, passa a compor o conjunto dos meios de produção do qual o capital se ampara.

A separação homem-natureza, parte do princípio que o conceito de natureza não é natural, foi criado e instituído pelos homens de acordo com suas ideias, relações sociais e seus interesses materiais. que levou o sujeito a modernidade, fatos que mudaram o espaço e que até os tempos atuais vivem em constante transformações. (SANTOS, 2006, p. 6).

Santos (2006) aborda sobre a segunda mudança, no qual ele chama de Meio técnico, uma fase que trás as grandes indústrias e a valorização do capital. Com as utilizações das técnicas o homem passou a ter um conhecimento mais amplo da terra. Assim, as questões capitalistas passaram a dominar a sociedade e os avanços do sistema, produziram uma relação de dominação da sociedade em relação aos elementos naturais. A aceleração na utilização dos recursos naturais, não permite o tempo de recuperação do meio.

[..]. Assim, as motivações de uso dos sistemas técnicos são crescentemente estranhas às lógicas locais e, mesmo, nacionais; e a importância da troca na sobrevivência do grupo também cresce. Como o êxito, neste processo de comércio, depende, em grande parte, da presença de sistemas técnicos eficazes, estes acabam por ser cada vez mais presentes. A razão do comércio, e não a razão da natureza, é que preside à sua instalação. (SANTOS, 2006, p. 159).

Todo esse processo de apropriação da natureza, agora visto como meio de fortalecimento das práticas voltadas ao capitalismo, trouxe mudanças para a sociedade que foi se modernizando e fazendo uso de novas práticas e se distanciando do meio natural. Esse distanciamento faz parte do contexto histórico de evolução da sociedade capitalista, pois o acesso aos recursos da natureza era comercial de modo que o homem agora não trabalha no mesmo ritmo da natureza e sim no ritmo que o capitalismo impõe. A natureza passa a ser vista como uma ferramenta para suas produções de bens. De acordo com Santos (2006), o que era considerado “natural”, passa a ser “artificial”, devido as grandes intervenções humanas e os interesses políticos, tendo nos dias atuais uma preservação dos elementos naturais como uma prática da cultura contemporânea preservacionista.

A sociedade moderna se distancia do meio natural, perdendo a essência da relação do homem com o meio. Deixando de lado as questões que levam o sujeito a ter uma visão de respeito e sim apenas de necessidade, exaltando os valores políticos, industriais e econômicos.

A segunda guerra mundial caracterizou-se pelo aprimoramento da técnica, da ciência e da informação. Santos (2006) nomeia esse período de meio técnico-científico informacional.

O processo produtivo característico desse novo período promove as grandes produções presentes nas grandes cidades, como também acelera as transformações presentes do meio rural, no qual tudo era mais simples. Diante de tantas mudanças a maneira do homem pensar nas questões ambientais se modifica, já que a forma que se via a natureza não é mais a mesma e suas transformações seguem o ritmo escolhido por essas novas formas de produção.

Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é a informação. (SANTOS,1995, p.701).

O uso dessas técnicas e dos objetos técnicos ocorre de modo diferente mostrando que a técnica pode modificar e produzir um meio geográfico, modificando a relação com as formas de produção, a indústria, a cultura e o modo de vida. É um período no qual existe uma flexibilidade muito grande nos meios de circulação das informações dominando a organização do trabalho e regulando os meios produtivos. O sistema técnico existente é bastante informacional e especializado.

Os espaços assim requalificados atendem, sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. (SANTOS, 2006, p.160).

Diante do desenvolvimento dos meios de comunicação, as informações passam a ser instantâneas, surgindo assim à manipulação das informações impulsionando o crescimento do capital cada vez mais artificial. A revolução industrial muda completamente o estilo de vida e com isso o uso de recursos naturais aumenta significativamente.

Antes, eram apenas as grandes cidades que se apresentavam como o império da técnica, objeto de modificações, supressões, acréscimos, cada vez mais sofisticados e mais carregados de artifício. Esse mundo artificial inclui, hoje, o mundo rural. (SANTOS, 2006, p. 160).

A sociedade modernizada vivencia um tempo em que tudo gira ao redor das tecnologias, um sistema que vislumbra um novo cotidiano, permitindo o homem a se adaptar com os meios tecnológicos. Nesse contexto, a produção de uma nova espacialidade, virtual, demanda reflexões sobre a produção de um novo cotidiano urbano.

Compreendendo esse avanço do homem com as novas modalidades da sociedade e tendo em vista a análise dos procedimentos realizados durante o estágio, foi necessário pensar possibilidades de organização que facilitassem essa análise. Em virtude da relevância da pesquisa, foi feito um levantamento de tudo o que foi realizado durante o projeto e pesquisas bibliográficas acerca do que foi analisado, estabelecendo algumas considerações a partir dos

resultados obtidos. Tendo como finalidade apresentar reflexões acerca de como as crianças na contemporaneidade estão vivenciando os seus espaços no cotidiano para assim levantar discussões sobre a relevância da temática sobre a educação e na sequência viabilizar a reflexão sobre a problemática da criança na contemporaneidade, sujeitos restritos e limitados em espaços fechados sem acesso e contato com os espaços em que prevalecem os elementos naturais.

3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR ESPACIAL

Partindo desta observação, percebe-se que dificilmente pode-se presenciar crianças tendo uma relação de tal intensidade e liberdade com os elementos naturais, pois atualmente as crianças fazem uso das tecnologias e quase sempre estão brincando com seus celulares. Diante de tudo que já foi dito, percebe-se que a evolução social trouxe interferências e mudanças na maneira como a sociedade vive e infelizmente as crianças estão cada vez mais limitadas aos espaços confinados, fechados. É notável o abuso constante da sociedade “presa” nessa demanda virtual, ignorando ou deixando de conhecer o convívio significativo com os espaços livres, com elementos naturais.

É normal ouvir falar frequentemente sobre a preocupação dos pais ou responsáveis em resguardar as crianças em brincar nas ruas ou levá-las para algum ambiente ao ar livre para mexer na terra, nas ruas e nos espaços públicos. Quem nunca ouviu falar “menino sai desse barro, você quer ficar doente? Desça dessa árvore, você vai cair e quebrar o braço!” Essas falas podem parecer bobagens, porém, desde o momento que as cidades assumiram o papel de sediar as produções econômicas, as crianças têm se distanciado dessas práticas lúdicas e experiências de apropriação dos espaços públicos, parques, sítios, etc. É nesse contexto urbano de negar as possibilidades de apropriação lúdica dos espaços da vida que se deve pensar nas propostas metodológicas de trabalho com as crianças a partir das transformações do mundo em que vivemos. Nesse sentido, é necessário repensar junto às crianças sobre a importância dos elementos naturais para o desenvolvimento humano, ou simplesmente, em saber admirar o que há de melhor na própria natureza.

Diante de tantos fatos pode-se questionar: como os professores podem trabalhar com as questões ambientais com as crianças?

Este projeto fala muito da relação do homem com os elementos naturais e como se deu a concepção de natureza atualmente. Para trazer essas problematizações ambientais para dentro da sala de aula é preciso recorrer ao processo de construção do que conhecemos hoje como educação ambiental. Para trabalhar essa temática com as crianças é necessário adentrar nas questões contraditórias oriundas do discurso sobre a trajetória da educação ambiental.

Junto com a revolução industrial veio a falta de conscientização que causou grande devastação e degradação ambiental e isso é visto como consequência do modo capitalista de agir. Devido à falta de cuidados com os elementos naturais e um descaso ambiental caracterizado pela atuação exercida do homem junto à natureza, é notável o abuso constante diante dos recursos naturais, fator esse, que atinge a sociedade por questões climáticas, ecológicas e o relacionamento do sujeito ao meio natural. Diante disso uma nova espacialidade, virtual, demanda reflexões sobre a produção de um novo cotidiano urbano.

Logo, foi preciso pensar em ações que minimizassem esses problemas que surgiram junto com modernização. A partir deste ponto que podemos começar um questionamento acerca da educação ambiental que surgiu no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. A interferência dos movimentos internacionais ecologistas que agitavam a Europa e os EUA naquela época promoveu o avanço das tecnologias e a rapidez com que as informações circulavam. Daí surgiu a necessidade de pensar em uma educação ambiental formadora de cidadãos críticos capazes de mobilizar e sensibilizar outras pessoas para ajudar a obter melhorias de vida.

Todas as mudanças ocorridas ao longo dos anos dentro da sociedade fizeram com que chegássemos à situação em que nos encontramos atualmente. A evolução das práticas técnicas ajudou o homem a explorar cada vez mais os recursos naturais. Toda essa evolução também trouxe prejuízos, sérios problemas ambientais começaram a surgir e junto com esses problemas as preocupações com as catástrofes que vinham acontecendo e muitas outras que se seguiram. Diante de tudo isso várias mudanças aconteceram a respeito da educação ambiental, e como consequência a temática tornou-se relevante para as pessoas de todos os níveis.

Surgiram vários grupos de manifestantes que buscavam melhorias na qualidade de vida. E foi justamente assim que a Educação ambiental (EA) no Brasil se formou, ou seja, surgiu diante das preocupações com a necessidade de garantir a vida das espécies no planeta, seja dos seres humanos ou dos seres vivos de maneira geral por meio do cuidado com os recursos naturais. Existia uma grande pressão do governo internacional para que o Brasil tomasse

medidas acerca da educação ambiental. Foi uma época de bastantes conflitos políticos no Brasil devido ao golpe militar.

Não existia uma política voltada para a conservação e a preservação dos recursos naturais. Ocorreram várias tentativas mundiais de sensibilizar o mundo sobre as questões de sustentabilidade, já que existia um grande descaso por parte do governo com relação aos problemas ambientais.

Depois de um longo período a educação ambiental é trabalhada de maneira pedagógica, visando à conscientização e mudança de atitudes. É muito importante a relação entre meio ambiente e educação, algo desafiador diante dos acontecimentos que trazem riscos ambientais que se tornam a cada dia, maiores e mais complexos.

Deste modo, a educação deve se orientar de forma decisiva para formar as gerações atuais não somente para aceitar a incerteza e o futuro, mas para gerar um pensamento complexo e aberto às indeterminações, às mudanças, à diversidade, à possibilidade de construir e reconstruir em um processo contínuo de novas leituras e interpretações do já pensado, configurando possibilidades de ação naquilo que ainda há por se pensar. (JACOBI e LUZZI,2004, p.2).

No século atual há uma grande emergência ecológica que nos leva a refletir na maneira como pensamos e agimos diante da modernidade. Pois vivemos uma forma de vida dominante, na qual tudo serve ao mercado. No entanto, as questões ambientais sofrem nos dias atuais uma grande crise, devido a alguns fatores que levaram à degradação da natureza. Pode-se afirmar que um desses fatores está relacionado ao uso dos elementos naturais na economia de forma perversa.

Assistimos e continuamos a observar, nos debates e discursos ambientais, afirmações genéricas e abstratas que apontam “o homem como o grande adversário da natureza” ou que mencionam as “ações antrópicas” como responsáveis pela crise ambiental. Em sentido genérico e coloquial, não estão incorretas, mas carecem de precisão, aprofundamento e crítica e acabam contribuindo para formar uma representação simplista do problema. (LIMA, 2009, p. 153)

Diante das questões políticas é preciso pensar em um trabalho com a EA voltado às gerações futuras, de maneira crítica e reflexível, oferecendo ao sujeito possibilidades para pensar e entender a sua ação e o verdadeiro sentido da importância da sobrevivência humana.

4. CONHECENDO/PRODUZINDO COM AS CRIANÇAS OS SEUS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO.

O estágio supervisionado possibilita ao acadêmico, reflexões sobre a possibilidade de ser educador proporcionando a oportunidade de vivenciar experiências na qual, como

estudantes de graduação, não conseguem imaginar. Pois na prática é possível sentir a energia e ter o direito em poder observar as falas, gestos, ações e tudo que faz parte da convivência dos diferentes indivíduos em um determinado espaço.

A experiência foi gratificante e de grande importância, a qual ofereceu um olhar diferenciado, contribuindo para nossa formação, pois por meio dela foi possível colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos nas aulas.

O estágio nos proporcionou uma rica experiência e vivência da prática docente nesse campo de atuação dos discentes e futuros pedagogos, possibilitando aprendizagens teóricas e práticas para *o fazer* pedagógico, fazendo com que os estagiários tivessem uma ampla visão sobre o funcionamento de um CMEI, como o trabalho em equipe é construído, quais as premissas que regem a instituição.

Dessa forma, o estágio é o momento em que nós, discentes, temos a oportunidade de analisar a prática docente em sala de aula. Foi gratificante vivenciar essa realidade na Educação Infantil e receber o carinho sincero de uma criança, assim como, poder contribuir no processo de aprendizagem de ambas.

O desenvolvimento dos projetos teve resultados satisfatórios, tanto pelo acolhimento, quanto pela disponibilidade das gestoras e educadoras em se fazerem presentes no desenvolvimento das sessões. Foi possível perceber que lá existe um trabalho realizado em equipe e todos se preocupam com o bem-estar e desenvolvimento das crianças. Isso foi de importante contribuição para a realização com eficácia do projeto com as crianças, pois as mesmas se sentiram envolvidas e interessadas com as propostas trazidas a cada sessão.

De uma forma geral, percebe-se que o estágio proporcionou a análise de que a teoria e a prática devem caminhar juntas, possibilitando uma reflexão a acerca da profissão docente e na construção da identidade profissional do educador.

Sabendo da importância em desenvolver atividades diversificadas, o 1º momento do projeto iniciou-se por meio do diálogo, para conhecer mais de perto as crianças, e nos apresentarmos para elas. A turma tinha 14 crianças matriculadas, mas nesse primeiro dia apenas três estavam presentes. Participamos de uma brincadeira com eles com barquinho de papel. Essa proposta não fazia parte do nosso projeto, mas respeitando a demanda das crianças e levando em consideração o momento que estávamos no processo de observação, resolvemos participar dessa atividade e produzir uns barquinhos de papel e colocar uma bacia

com água na parte externa do espaço da turma. Um momento muito rico, onde ganhamos a confiança das crianças. Essa brincadeira surgiu quando uma das estagiárias resolveu escrever algumas observações, enquanto outra criança estava com um barquinho de brinquedo, que chamou a atenção das demais crianças. Foi a partir das observações e das informações obtidas sobre a turma que pensamos em realizar o projeto *Jardim e os bichinhos*.

Ao iniciarmos a primeira intervenção, contamos com a presença de duas crianças, dialogamos com elas e mostramos algumas imagens de jardins, onde oferecemos uma cantiga chamada borboletinha³. Uma das crianças disse que gostava de plantas e que viu uma formiga. Aproveitamos que na sala havia algumas formigas para informá-las que a formiga era um dos bichinhos que vivem em jardins, então decidimos mostrar um formigueiro para elas.

Buscamos fazer nossas projeções respeitando o interesse das crianças e também a rotina da instituição. Partindo das observações através das brincadeiras, falas, ações de cada criança, que nos permitiu uma visão para refletirmos sobre o comportamento de cada uma delas.

Na segunda intervenção realizamos um passeio pelas áreas verdes da instituição, com intuito de mostrar as plantas e informar o quanto é importante cuidar delas. Nesse momento aproveitamos para regar as plantas existentes na frente do ambiente da turma. Desde então, percebemos o quanto as crianças gostavam de se envolver com as atividades que tivessem presentes a água, a terra e as plantas.

Quando terminamos a observação com a turma pelo jardim da instituição apresentamos um vídeo⁴, o qual mostrava os diversos bichinhos que existem em um jardim. O vídeo ofereceu momentos divertidos, todos acabaram dançando e imitando cada bichinho que era exibido. As crianças gostaram bastante e por isto repetimos o vídeo umas três vezes.

Realizamos um passeio na quarta intervenção pelo local escolhido para realizar o jardim. Nesse momento tivemos a oportunidade de brincar no parquinho, onde fizemos uma

³ Letra da música Borboletinha: Borboletinha tá na cozinha
fazendo chocolate
para a madrinha

Poti, poti
perna de pau
olho de vidro
e nariz de pica-pau pau pau.

⁴ Vídeo: Bichinhos do Jardim - Balangandan (Lyrics). Disponível no YouTube.

busca por bichinhos. Esse momento foi muito especial, pois pudemos observar que algumas crianças falavam das plantas com muito carinho. A curiosidade das crianças pelos bichinhos era muito interessante, elas prestavam atenção em cada palavra dita, quando as explicávamos algo. Encontramos muitas formigas, aranhas, borboletas, sapos e grilo⁵. Foi um momento de aprendizagem, em um ambiente aberto e tendo toda atenção de cada criança.

Após elaborar as etapas de intervenção junto às crianças, iniciamos a construção do cercado do jardim. O momento de colorir as garrafas para fazer o cercado do jardim foi incrível, pois as crianças amaram mexer na água para poder encher as garrafinhas para misturar com tinta guache. Para esse momento havíamos reservado dois dias, pois acreditávamos que as crianças iriam ficar exaustas, mas para nossa surpresa isso não aconteceu, elas eram muito rápidas.

O local escolhido para produzir o jardim era um espaço da instituição “esquecido”, o qual era rodeado de mato e que ficava em frente a janela da turma. Após a retirada de todo excesso de mato⁶, tivemos o cuidado de levar as crianças para ajudar um pouco nesse processo, pois elas sempre queriam estar por perto. Portanto, distribuímos alguns objetos de jardinagem menores e de plástico. Nesse momento as crianças queriam muito mexer na terra. Uma das crianças falava o tempo todo: “me deixa trabaiá”, “eu quero trabaiá”.

Figura 1: limpando o espaço para iniciar a produção do jardim



Fonte: As autoras (2018).

⁵ O grilo que foi visto durante as intervenções, é conhecido popularmente como esperança, por ser todo verde e ser atribuído boa sorte quando entra em nossas casas.

⁶ O trabalho manual de limpeza foi elaborado apenas por nós duas, não ocorreu ajuda de nenhum funcionário.

Foi a partir da oitava intervenção que realizamos o cercado do jardim juntamente com as crianças. Pegando no barro, cavamos para colocar as garrafinhas dentro dos buracos, nos quais cada criança que estava observando fazia questão de colocar a mão na terra.

Figura 2 e 3: o cercado do jardim com garrafas pets



Fonte: As autoras (2018).

Não teve uma única sessão que eles não quisessem participar, e isso nos deixou muito impressionadas, pois pensávamos: “são tão pequenos e tão participativos”. Esse momento foi, sem dúvida, de grande aprendizado.

Foi na nona intervenção que as crianças finalmente colocaram a mão na terra para plantar as mudas de plantas apropriadas para jardim levadas por nós. Era explosivo o brilho no olhar e a alegria das crianças ao plantar e colocar a mão na terra. Fizemos aventais, viseiras e levamos ferramentas de jardins adequadas para crianças, para que eles pudessem aproveitar ao máximo aquele momento, com segurança e tranquilidade.

Figura 4: as crianças borrifando água nas mudas plantadas por elas com auxílio das estagiárias



Fonte: As autoras (2018).

Logo após o plantio, as crianças ficaram observando o que elas produziram e ao chegar um familiar na sala, cada uma parava e mostrava o jardim. Achamos muito incrível a participação delas, e cada detalhe da fala e do agir. Uma das crianças mostrava-se muito cuidadosa e reclamava quando um dos amiguinhos pegava de qualquer jeito nas plantas. Ela dizia: “tem que cuidar da plantinha”.

Figura 5: o jardim produzido pelas crianças próximo a janela da turma Bicho de Terra



Fonte: As autoras (2019).

Na décima etapa realizamos a culminância do projeto, efetuada no pátio do CMEI onde foram expostas as produções da turma realizadas durante o processo de intervenção do projeto, juntamente com a educadora. As crianças também fizeram uma apresentação do musical com a música *Cai chuvinha nesse chão*. Cada criança estava caracterizada, tinham flores e gotinhas de chuva. Foi um momento muito divertido e apesar das crianças terem ficado tímidas, a apresentação ainda foi um sucesso.

Encerramos essas atividades com um forte aperto no coração, confraternizando com um lanche, pois foi muito bom trabalhar com as crianças que nos receberam de braços abertos e nos ajudaram a compreender como se dá a ligação da teoria com a prática. Apesar de pouco tempo de convívio com as crianças saímos com saudades dos momentos compartilhados. Quando chegávamos, éramos recebidas com abraços e sorrisos e isso ficará guardado em nossos corações.

Nossa trajetória foi muito rica em aprendizado, fomos à escola, aprendemos com as crianças, mostramos para elas que aquele espaço antes não utilizado podia se transformar em um espaço agradável, de lazer e de conhecimento. Elas se envolveram e ficamos fascinadas a cada etapa do projeto.

5. TRABALHANDO COM OS ESPAÇOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS

Diante do contexto analisado percebe-se que é de grande importância trabalhar com as questões ambientais. Durante o período de estágio, ter tido o privilégio de ver as crianças aprendendo e interagindo, foi de suma importância em nossa formação como educadoras, que nos permitiu construir uma proposta metodológica de intervenção que possa ser aplicada por outros profissionais dentro das possibilidades que lhes forem oferecidas.

Nesse sentido, pretende-se por meio desse trabalho contribuir com a prática pedagógica de profissionais da educação. Pensando em práticas que favoreçam a construção de novos conhecimentos, respeitando as diversidades, realidade social e buscando práticas que não desconsiderem a capacidade e o interesse da criança.

Propostas e práticas escolares diversas que partem fundamentalmente da ideia de que falar da diversidade cultural, social, geográfica e histórica significa ir além da capacidade de compreensão das crianças têm predominado na educação infantil. São negadas informações valiosas para que as crianças reflitam sobre paisagens variadas, modos distintos de ser, viver e trabalhar dos povos, histórias de outros tempos que fazem parte do seu cotidiano (BRASIL, 1998, p. 165).

Ao finalizar o período de estágio é fundamental problematizá-lo, na tentativa de repensar as práticas, as vivências e as experiências que tivemos na escola. A intenção é propormos possibilidades metodológicas de intervenção a partir do reconhecimento de espaços destinados a produção do debate ambiental em outras escolas.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais

banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p. 17).

Partindo desse pressuposto, é necessário que cada educador consiga trabalhar dentro da realidade em que estiver inserido. Como seria bom trabalhar em escolas que fossem favoráveis a implantação de projetos como esse. Porém implantar uma maneira diferente de se trabalhar a educação ambiental com as crianças leva um tempo e exige dos educadores formação para potencializar práticas ambientais com as crianças em formação. Uma das dificuldades que podem ser encontradas é o tamanho da escola, muitas possuem grandes áreas livres e abertas que favorecem para a produção de jardins, hortas, entre outros trabalhos com plantas.

Pensar na escolha do espaço para a realização da proposta é de extrema importância. O fato de uma escola não oferecer espaço para o plantio não significa que o trabalho não possa ser realizado, para isso é preciso observar um local que seja possível a construção do espaço desejado.

Proporcionando momentos de prazer e aprendizagem para as crianças, que passaram a pensar em novas possibilidades de ação e interação ambiental. É possível construir um novo espaço dando um novo significado para um espaço existente que esteja sem uso.

Nas escolas que existem grandes espaços livres, fica mais fácil escolher um local juntamente com as crianças, de preferência um local que ainda não foi explorado, que muitas vezes fica esquecido.

Ao iniciar os trabalhos nesses espaços, faz-se necessário limitar o lugar escolhido. Promovendo para as crianças a oportunidade de contribuir com as produções, desde a escolha do local até dar início à prática.

E o que fazer quando a escola não fornecer espaço suficiente? É a partir daí que o professor deve observar todas as suas possibilidades, buscando tornar possível a produção de jardins e hortas diferentes, diante do espaço que foi oferecido. Para ampliar os espaços da escola é fundamental aproveitar os ambientes que possuem poucos ou pequenos espaços, seja nas paredes, uma pequena área, um canteiro ou até mesmo um plantio suspenso. Para esse tipo de ambiente, pode-se utilizar garrafas pets, pneus, pallets, cano de pvc e outros tipos de materiais para construção do espaço para o plantio.

Essa perspectiva além de trabalhar outros espaços e métodos de plantar, também proporciona aos alunos uma reflexão sobre a utilização de matérias recicláveis que inúmeras vezes acabam sendo descartadas pela sociedade de forma incorreta.

Diferentemente das escolas que possuem um espaço mais amplo, as instituições que usufruem de um espaço mais reduzido podem se reinventar, como na produção do jardim ou hortas na vertical, nas paredes ou suspenso, adaptando conforme as necessidades.

Havendo um espaço amplo ou não, é importante destacar que o objetivo é realizar a proposta juntamente com as crianças, pois o momento da construção é uma das etapas mais relevantes para elas. É nesse momento que desperta no sujeito a relação de pertencimento e afeto, criando nos alunos a responsabilidade com o que de fato lhe pertence. Ofertando uma aprendizagem significativa e um melhor convívio social.

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria. (MORICONI, 2014, p. 14).

Realizar a proposta inserindo as intermediações propõe aos alunos uma reflexão sobre o quanto a relação do sujeito com os elementos naturais é importante para o convívio e trocas de relações, proporcionando ao indivíduo reconhecer suas práticas e se sentir pertencente ao meio.

6. O PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES (ELABORAÇÃO DO JARDIM)

Toda e qualquer ação requer um planejamento independente da área que será realizada. Planejar é relevante devido os procedimentos que levarão aos objetivos a serem alcançados. No entanto, antes da execução de cada proposta é necessário pensar no desenvolvimento de cada atividade que levará ao que se propõe, para não realizar ações desnecessárias ou que não levarão a resultados positivos.

Portanto, segue abaixo uma proposta a partir da exposição de um planejamento de atividades, o qual é importante ocorrer em um ambiente fora da sala de aula com intuito de poder explorar outros ambientes. As atividades serão realizadas em diferentes momentos, com objetivo em proporcionar as crianças um conhecimento sobre jardim e os bichos que vivem nele, ofertando a observação e a produção do mesmo juntamente com as crianças, estimular os cuidados com o mesmo, despertando a curiosidade e a investigação com as plantas e o respeito com os elementos naturais.

Tabela 1: Atividades, Elaboração do jardim

Momentos	1º momento	2º momento	3º momento	4º momento
Objetivos Específicos	Conhecer o projeto jardim, levantar conhecimentos sobre o tema;	Despertar o interesse pela preservação do meio ambiente;	Observar os elementos naturais desenvolvendo a curiosidade e a prática investigativa de cada criança;	Despertar o interesse sobre as plantas e animais, reconhecendo-os como seres vivos e suas finalidades para o meio.
Atividade	Em uma área externa da sala de aula, em uma roda de conversa para que todas as crianças participem, serão apresentadas imagens de plantas ou mudinhas, sementes, vasos com flores e outros. Com objetivo de questionar as crianças sobre o que elas observaram. As crianças serão ouvidas e estimuladas para aprender sobre os elementos naturais ao seu redor. Nesse momento é importante questionar a categoria natureza nos espaços que vivemos. A	Em uma roda de conversa no pátio da escola ou um ambiente que tenha árvore. Perguntar as crianças: “quem já abraçou uma árvore? Já conseguiu sentir o cheiro dela?” Em seguida cada criança receberá um pedaço de barbante para medir a circunferência do tronco da árvore e com os olhos vendados irá sentir o cheiro e a textura do tronco da árvore.	Em uma roda de conversa na área externa da sala de aula, perguntar as crianças: “quem já viu ou conhece bichinhos que vivem nas plantas, terra ou árvores?” Após ouvir as crianças, disponibilizar lupas para que cada criança possa investigar os bichinhos ali presentes.	No pátio da escola em uma roda de conversa, perguntar as crianças: “como será que as plantas e árvores nascem? Será que crescem rápido?” Após ouvir as crianças, distribuir copinhos de garrafa pet, algodão e grãos de feijão para cada criança plantar e registrar em desenho cada processo do crescimento do seu pé de feijão.

	perspectiva crítica do que seja natureza deve ser introduzida na roda de conversa proposta na atividade.			
Materiais	Imagens de plantas ou mudinhas, sementes, vasos com flores e outros.	Barbante; Tampa olho.		Copinhos de garrafa pet; Grãos de feijão; Algodão.

Fonte: As autoras (2019).

Educação ambiental no ambiente escolar (Proposta pedagógica)

Para que esse trabalho aconteça é necessário fazer com que as crianças compreendam a importância de cuidar dos espaços, ensinar os novos coleguinhas para que eles façam o mesmo. Essa parte é de extrema importância, pois é isso que a educação ambiental deve iluminar e realizar: provocar e criar novos multiplicadores.

A educação ambiental é muito mais que a conjunção de enfoques interdisciplinares, método sistêmicos ou a elaboração de áreas integradas; reclama a produção de um saber ambiental que problematize as diversas disciplinas, gerando novos conhecimentos, novas maneiras de ver a realidade. (JACOBI, 2005, p. 11).

Entendemos que não é tarefa fácil. Dar início a uma nova ideia é mais fácil do que fazer permanecer, mas com um pouco de dedicação é possível que esse projeto não só permaneça, mas também evolua em outras práticas. A construção de um jardim é uma ótima sugestão para se trabalhar com a educação infantil, pois várias possibilidades podem ser exploradas por meio dele. Dentre elas podemos destacar: Relação de pertencimento com o espaço construído, cuidado com o espaço construído, respeito com o meio ambiente, conhecer os bichinhos que vivem no jardim e poder compartilhar o que aprenderam.

A educação infantil é o começo da vida escolar, e trabalhando com ela sobre a importância de respeitar o meio em que vivem, favorece para a formação dessas crianças. O trabalho a ser desenvolvido com as crianças deve ser iniciado pela observação e exploração do meio em que ela está inserida.

Nesse contexto, as práticas educativas devem apontar para propostas pedagógicas centradas na mudança de hábitos, atitudes e práticas sociais,

desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos. (JACOBI, 2005, p.241).

Trabalhar de forma lúdica contribui para uma aprendizagem significativa, que ajuda no desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e social das crianças. A Educação Ambiental é um processo permanente e contínuo e introduzi-la na escola é uma das estratégias para o seu desenvolvimento, proporcionando as crianças que possam criar novas possibilidades e levem seus conhecimentos para além da escola.

Por isso trabalhar com as crianças dessa maneira é uma importante ferramenta para despertar uma nova consciência.

Para a vertente crítica, a educação ambiental precisa construir um instrumental que promova uma atitude crítica, uma compreensão complexa e a politização da problemática ambiental, a participação dos sujeitos, o que explicita uma ênfase em práticas sociais menos rígidas, centradas na cooperação entre os atores. (JACOBI, 2005, p.244).

A ideia é envolver a todos com os cuidados desse espaço, transformar o jardim em algo maior que possibilite a interação de quem participou da criação desse espaço com outras pessoas, trazendo assim novas maneiras de cultivo e de uso para o jardim, ofertando uma maior significância.

A cada novo ciclo muitas mudanças vão acontecer, mas se desde sempre e com a ajuda dos educadores as crianças continuarem engajadas, o trabalho tende a crescer e o entendimento das crianças sobre aquele espaço e outros se ampliará. Ou seja, mesmo quando as crianças forem embora o espaço precisará continuar sendo cuidado e outros espaços serão produzidos. O trabalho feito até então não pode acabar quando as crianças mudarem de turma.

O desenvolvimento das crianças acontece de forma gradativa e conforme tomam consciência do mundo em que vivem, crescem e têm contato com fenômenos naturais. Passam a apresentar questões sobre os mesmos, fazendo conexão com as informações obtidas, se organizam para explicações e por fim, arriscam respostas.

Realizar uma atividade que os alunos não efetuam no seu cotidiano, os leva a uma série de questionamentos sobre o que está sendo proposto. No entanto, cabe ao educador aproveitar esse momento para estimular os alunos com perguntas e apresentar conceitos que permitam novos conhecimentos, relacionando ao conhecimento prévio da criança, dando a possibilidade de uma apropriação mais significativa.

Percebe-se então, a importância do enfoque social na aprendizagem da criança. É através da problematização desse “social” que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor (BULGRAEN, 2010, p. 33).

A partir daí pode-se começar a criar novos espaços e os alunos tem como função serem os novos multiplicadores. Para isso, sugerimos a ampliação do cultivo de plantas ornamentais para também cultivar ervas que as crianças possam levar para casa. Será um espaço utilizado por todos da escola, um cantinho que pode ser trabalhado permanentemente com as crianças, pois elas vão compreender que são as cuidadoras daquele lugar e que também é função delas passar o que aprenderam para outras crianças. Para que isso aconteça é preciso explorar as várias maneiras de trabalhar com o que já foi construído, a cada nova semente plantada é interessante que as crianças comecem a conhecer o nome científico das plantas, observar seu crescimento, a mudança na coloração das folhas, os bichinhos que vivem nelas e aprender a melhor forma de cuidar.

Esses são alguns pontos que o professor deve chamar a atenção dos alunos, incentivando-os a fazerem observações, e questionando-as, começarão a procurar vestígios de mudanças e com isso será proporcionado momentos de reflexão sobre o que foi observado.

Dando continuidade ao projeto, um novo cantinho pode ser criado para o cultivo de hortaliças que também é um espaço muito rico em aprendizagem, pois elas poderão conhecer as plantas que seus familiares usam em casa para temperar a comida, fazer um chá e etc. isso fará com que o interesse dos alunos continue crescendo, pois além das ervas para consumo, eles levarão o conhecimento de como foi o processo de desenvolvimento da planta até chegar à sua casa. Como já falamos aqui, as crianças amam participar desse tipo de atividade diferente do seu cotidiano, e trabalhando de maneira pedagógica, é possível unir diversão e aprendizagem, tornando esse trabalho mais eficiente.

Alguns temas que podem ser trabalhados:

- Importância das plantas
- Passeio fora da escola, pelo próprio bairro para observar a presença de lixo.
- Reciclagem de matérias com a produção de bochichos com garrafas e outros materiais que possam ser reciclados.
- Abordar questões sobre a saúde e nosso modo de vida. (Sustentabilidade)

As temáticas devem ser trabalhadas respeitando a demanda da turma, buscando atender suas necessidades e curiosidades. Todos os temas trabalhados devem ter objetivos específicos.

Tabela 2: Segue abaixo propostas de como pode ser trabalhado

Tema trabalhado	O professor deve observar bem a turma, para buscar atender a demanda e ter conhecimento prévio do que será trabalhado.
Justificativa	Apresentar para as crianças a importância de se trabalhar o determinado assunto.
Duração	Previsões de quanto tempo durarão as atividades, hora de início, podendo ser alterada conforme a necessidade.
Objetivos	Relatar o que se pretende alcançar com essas atividades.
Materiais utilizados nas atividades	Selecionar previamente as atividades e materiais que serão utilizados em cada momento.

Fonte: As autoras (2019)

O ensino como todo, tem como fundamento induzir o aluno para uma formação que possa proporcionar uma aprendizagem voltada para a construção social, física e política do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com crianças sempre é um desafio, pois é preciso estar atento para atender as suas demandas, quando elas vão crescendo seus questionamentos mudam, tornando-se mais refinados. É importante estar atento às indagações das crianças e sempre ajudá-las a explorar as possibilidades de buscar novos conhecimentos. Nós, enquanto educadores, devemos compreender que é necessário preparar as crianças para serem cidadãos responsáveis com o meio em que vivem. E como estamos falando de crianças, mesmo que elas não sejam da educação infantil o trabalho realizado também pode ser feito de maneira divertida, visando oferecer momentos de aprendizagem e diversão, tudo deve ser bem planejado, para que as crianças não percam o interesse.

Muitos docentes apresentam certa dificuldade em compreender a EA como uma educação que prepara cidadãos, promovendo a formação do sujeito, englobando o ambiente social e natural, conforme define as DCNEA:

A Educação Ambiental visa à construção e ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores sociais, voltados para a

conservação do meio ambiente natural e construído, essencial para a qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 2012, p. 2).

O educador tem papel importante como mediador nesse processo de aprendizagem, com questionamentos que conduzem as crianças a uma reflexão, podendo estimular e proporcionar momentos que as levem a novos conhecimentos. Para tanto, é preciso questioná-las, fazer a criança refletir sobre o que é imposto.

Considerando então, que o adulto tem um papel chave no desenvolvimento infantil, é necessário que esse adulto conheça a criança a qual estará ajudando, para que não dificulte a atividade a ponto de a criança não conseguir realizar, ou realizar somente com a ajuda do adulto e posteriormente não conseguir sozinha. A ideia é que a criança compreenda o que o adulto está propondo para que desenvolva e aprimore sua habilidade e não mais precise da ajuda do adulto. (GOMES, 2010, p. 18).

Mediar esse processo requer um planejamento, cabe ao educador observar o interesse da criança. Vale destacar, que o professor/mediador vai estimular o sujeito a ir à busca do seu aprendizado, na tentativa de uma nova descoberta para um entendimento social e intelectual. De fato, a criança precisa ser ouvida para que através de suas palavras e da problematização feita a partir delas ocorra uma aprendizagem ativa e crítica. (BULGRAEN, 2010).

A maioria dos educadores não conhece ou simplesmente ignora a relevância que tem a mediação, ofertando à criança apenas um ensino sem levar em consideração contribuir para o desenvolvimento do sujeito, construindo uma proposta que muitas vezes não desperta o interesse da criança ou não obtém uma aprendizagem significativa, a qual poderá ajudar na prática social e crítica.

Tendo a compreensão que o educador é um dos responsáveis em proporcionar à criança a possibilidade de realizar uma atividade, logo cabe a ele a proposta em facilitar o aprendizado, na qual a criança saberá realizar a mesma posteriormente sem nenhum auxílio, possibilitando o repasse do conhecimento adquirido para outras crianças.

Conhecer a turma é um processo importante para o educador, pois a partir desse momento é possível saber a dificuldade da criança. Dessa forma caberá ao educador priorizar o interesse da criança mediando todo processo de aprendizagem para possibilitar e facilitar um caminho de novos conceitos, questionamentos e conhecimentos. Propondo à criança uma construção e uma visão de mundo, voltado para uma prática mais significativa para seu desenvolvimento social.

De forma geral é importante ressaltar que o estágio proporcionou uma reflexão sobre teoria e prática, possibilitando um novo olhar sobre a profissão docente na construção da identidade profissional do educador. Consideramos que esse trabalho não é fácil para cumprir, requer dedicação e sensibilidade de querer propor conceitos diferenciados do cotidiano escolar, oferecendo uma construção e reconstrução de princípios.

REFERÊNCIAS

BULGRAEN, C. Vanessa. **O PAPEL DO PROFESSOR E SUA MEDIAÇÃO NOS PROCESSOS DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO**. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago. /dez. 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH,2007, 85p.

GOMES,Ferreira,Josiquele. **Como a mediação do professor de educação infantil pode auxiliar na formação do sujeito durante os momentos de brincar?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, faculdade de educação, curso de pedagogia. Três cachoeiras,2010.

JACOBI, P. **Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2 p. 233-250, maio\ago. 2005.

JACOBI, Pedro. LUZZI, Daniel. **Educação e Meio Ambiente – um diálogo em ação**. São Paulo 2014.

LIMA, Costa Gustavo Ferreira da Costa. **Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009.

MACEIÓ. **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió/Secretaria Municipal de Educação**. – Maceió: EDUFAL, 2015

MODANESE, Ione Aparecida Zucchi. **Diferentes Concepções de Natureza**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/18.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2019.

MORICONI, Valdambri, Lucimara. **PERTENCIMENTO E IDENTIDADE**. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas 2014.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista Poíesis – Volume 3, nº 3 e 4, 2005/2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, Madrid, n. 15, p. 695-705, 1995.